



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Relações Patriarcais de gênero, sexualidade, raça e etnia

PRODUÇÃO, REPRODUÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES SOCIAIS DE EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO NA SOCIABILIDADE EM CRISE SISTÊMICO-ESTRUTURAL DO CAPITAL¹

JULIANA CRISTINA SCABELLO²

RESUMO

O presente artigo desenvolve uma reflexão teórica, através do método materialismo histórico dialético e da tradição marxista, sobre o nexo entre produção e reprodução social no modo-de produção capitalista com as relações sociais de exploração e opressão em sociabilidade em crise sistêmico-estrutural. Além disso, analisa como seus efeitos repercutem nos modos de vidas das/es/os sujeitas/es/os.

Palavras-Chaves: Capitalismo. Produção Social. Reprodução Social. Exploração. Opressão.

ABSTRACT

This article develops a theoretical reflection, through the dialectical historical materialism method and the Marxist tradition, on the nexus between production and social reproduction in the capitalist mode of production with the social relations of exploitation and oppression in sociability in a systematic-structural crisis. Furthermore, it analyzes how its effects impact the subjects' lifestyles.

Keywords: Capitalism. Social Production. Social Reproduction. Exploration. Oppression.

Introdução

Este artigo busca apresentar uma reflexão, tendo em vista a totalidade da realidade social

¹ Artigo derivado da dissertação de mestrado da/e/o autora/e.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

com suas mediações realizadas dialeticamente, acerca da conexão entre produção e reprodução social com as relações sociais de exploração e opressão postas nesta sociabilidade capitalista em crise sistêmico-estrutural.

A atual conjuntura de recessão, ultraneoliberal e de estilhaços provocados pelo neofascismo de Bolsonaro, trouxe consequências incontáveis para o cotidiano das/es/os sujeitas/es/os, notadamente no que se refere à produção e reprodução social da vida, em todos os seus aspectos constitutivos.

Para tanto, no primeiro item sinalizou uma reflexão sobre o nexo entre produção e reprodução social no modo-de-produção capitalista bem como a elaboração da consciência, elemento importante para compreender a percepção da realidade social das/es/os sujeitas/es/os e reprodução desta, com base na análise reflexiva da Teoria da Reprodução Social / Teoria Unitária.

Já no segundo, discorreu-se uma discussão acerca das relações sociais de exploração e opressão, dimensões constitutivas da realidade social e que são desencadeadas por de um mesmo fenômeno social, afetando todas/es/os sujeitas/es/os, contudo, de maneira diversa.

Produção e Reprodução Social

As categorias produção e reprodução social, numa perspectiva marxiana, são fundamentais para compreensão da totalidade social bem como o movimento constitutivo das relações sociais que se estabelecem nesses processos e que dão materialidade à vida social.

Tais esferas se originam através de uma categoria ontológica e fundante do *ser humano genérico* bem como do ser social, que é o trabalho³. Processo dialético de interação e

³ Segundo Marx, “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. (...). A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (...). No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, ou seja, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, a finalidade pretendida (...). Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

transformação que ocorre entre as/es/os sujeitas/es/os sociais e a natureza a fim de satisfazer as suas necessidades de sobrevivência, tanto as físicas quanto as do imaginário e da fruição, como também de reprodução da sociedade.

Ao atender suas demandas básicas de existência, o *ser humano genérico* produz (e reproduz), por sua própria ação, objetividade (instrumentos, produtos etc.), subjetividade e consciência, envolvidas por uma historicidade e condicionadas pela vida social, mudando, assim, a própria realidade. Estimula-se, também, a sua constituição como ser coletivo, ao estabelecer relações com outras/es/os sujeitas/es/os.

É na produção social de sua vida que constrói relações sociais mútuas através do trabalho as quais constituem relações de produção que “correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais” (Marx, 2008, p. 47), se estabelecendo em determinadas condições históricas. Nesse sentido, a articulação dialética, contraditória e mediada entre as forças produtivas e as relações de produção definem o modo de-produção vigente.

O modo-de-produção dinamiza e torna compreensível todo o processo da vida social uma vez que a interação dialética entre a estrutura - a base material da sociedade - e a superestrutura - ideias, da consciência, das representações - geram um todo orgânico e articulado e condicionam os meios de subsistência das/es/os sujeitas/es/os bem como sua a forma de sociabilidade e subjetividade.

No capitalismo, as relações de produção ocorrem entre o capital e o trabalho assalariado. O capital⁴ é uma relação social onde se estabelece formas de valor relativa de uma mercadoria, como forma equivalente⁵ e compõe com o trabalho assalariado uma relação social de produção, entre classes, onde o capital se realiza através da força de trabalho viva a qual “conserva os valores das mercadorias que ingressam no processo produtivo e cria novos valores” (Iamamoto e Carvalho, 2008, p. 36).

É uma relação desigual, antagônica e contraditória uma vez que a produção é cada vez

terceiro, seus meios. (...). O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais” (Marx, 2017, p. 255, 256, 261).

⁴ Que se expressa em meios de produção e meios de subsistência (Iamamoto e Carvalho, 2008).

⁵ Veja-se Marx, 2017.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

mais coletiva e sendo a apropriação privada dos meios de produção e do resultado do trabalho alheio. Gera, com isso, a exploração da classe trabalhadora, tendo em vista o mais valor que representa a diferença entre o salário pago a/ao trabalhadora/re/r e o valor produzido pelo seu trabalho, num encadeamento de valorização do capital, constituindo, assim, uma apropriação do trabalho não pago pela burguesia. Além disso, há a mercadorização da força de trabalho humana, visto que ao ser usurpada de seus instrumentos de produção, a classe trabalhadora precisa vender sua força de trabalho para sobreviver, se transformando em mercadoria/coisa. Esse processo é latente através da mistificação do capital, onde o trabalho vivo está subsumido a ele de tal forma que se manifesta como elemento constitutivo das suas forças produtivas (Iamamoto, 2015).

Nesta perspectiva, a base material da sociedade, a estrutura econômica, está entrelaçada com a produção das ideias, da consciência, das representações - a superestrutura - e as condiciona através de uma relação dialética, se afetando continuamente, cada uma à sua maneira.

Marx elucidou essa questão⁶, juntamente com Engels, no livro *A Ideologia Alemã*. A estrutura, base material, determina a produção (e reprodução) da consciência⁷, uma vez que a burguesia - a classe dominante -, ao dispor dos meios de produção torna as suas ideias dominantes, sendo a expressão ideal das relações de produção. Mas, ao mesmo tempo, ao ter suas ideias vigentes na sociedade, consolida, idealmente, as relações produtivas materiais - permeadas de relações de exploração e opressão - as quais são sustentadas pela sua aparência imediata percebida nas relações sociais concretas, garantindo, assim, a sua dominação econômica. Ao legitimar suas ideias, portanto, as apresentam “como as únicas racionais e universalmente válidas” (Marx e Engels, 2009, p. 69).

⁶ As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias de seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época (Marx e Engels, 2009, p. 67).

⁷ Segundo Marx e Engels “parte-se dos homens realmente ativos e, com base no seu processo real de vida, apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos e ecos ideológicos desse processo de vida. (...) Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (2009, p. 31 e 32).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A consciência - representação mental (subjetiva) - assim, é síntese do movimento dialético realizado entre a realidade social concreta, as relações sociais do ser social e de seu metabolismo com a natureza, mediada pelo trabalho. Com isso, forja as concepções de mundo das/es/os sujeitas/es/es/os conforme a percepção da realidade social.

No capitalismo, a produção de consciência se configura através das ideias da classe dominante, de forma alienada, internalizando a realidade social que se revela de maneira imediata e restrita, fetichizada, dificultando a sua percepção crítica e total. Assim, as relações sociais que são estabelecidas e permeadas pelas contradições, exploração, alienação, dominação e opressão ficam veladas, ocultadas pelas ideias da classe dominante, e aparecem distorcidas e mitificadas, produzindo, assim, o senso comum. Facilita o impulsionamento e sustenta a ideologia dominante na sociabilidade capitalista, viabilizando condições para a sua reprodução material e cultural na vida cotidiana, conformando objetividades e subjetividades das/es/os sujeitas/es/os na aceitação e apropriação de valores e práticas da burguesia que são funcionais ao capitalismo, condicionados por um consentimento social de que esta forma de sociabilidade é necessária, natural e perene.

Nesse sentido, a categoria reprodução social⁸ é de extrema relevância. Para Marx, e evidenciando sempre a totalidade social numa perspectiva de superação da dicotomia entre dimensão política e dimensão econômica, "(...) considerado do ponto de vista de uma interdependência contínua e do fluxo contínuo da sua renovação, todo processo social de produção é simultaneamente processo de reprodução" (Marx, 2017, p. 641).

A reprodução social compõe junto com a produção esferas de um mesmo processo integrado dialeticamente, de maneira que se renova, se cria e se recria. Diz respeito à reprodução das forças produtivas - da força de trabalho, dos objetos de trabalho e dos meios de produção - que viabilizam a produção de mercadorias, de valor, a continuidade das relações sociais de produção e da sociedade como um todo. Ou seja, se relaciona com a reprodução do sistema capitalista como um todo (reprodução societal)⁹, bem como a manutenção e reprodução da vida em nível diário e geracional, tais como o trabalho físico (cuidados com os afazeres

⁸ "A reprodução é a continuidade do processo social de produção, porém, uma continuidade que não se reduz à mera repetição é uma continuidade no decorrer da qual o processo se renova, se cria e se recria de modo peculiar (...)" (IAMAMOTO e CARVALHO, 2008, p. 46).

⁹ Realiza-se uma distinção para fins didáticos entre reprodução social e reprodução societal, sendo esta última utilizada quando houver referência à reprodução ampliada da sociedade capitalista (FONSECA, 2019; OLIVEIRA, 2021).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

domésticos), criação, aspectos emocionais e mentais que correspondem à socialização e à subjetivação das/es/os sujeitas/es/os.

Recentemente, pesquisadoras/es vinculadas/es/os à Teoria da Reprodução Social / Teoria Unitária¹⁰ estão se debruçando sobre essa categoria, privilegiando a totalidade social complexa, articulada e contraditória composta pelas esferas de produção e de reprodução, tendo em vista o modo-de-produção capitalista, bem como as relações sociais de exploração e opressão que são estabelecidas nesse sistema. Para tanto,

(...) conceituar o termo “reprodução social” – que para o próprio Marx por vezes guardava um sentido dúbio, referindo-se com mais frequência à reprodução do sistema capitalista como um todo –, de um modo geral, na tradição feminista-marxista, o termo significa “a manutenção e reprodução da vida, em nível diário e geracional (...) a forma na qual o trabalho físico, emocional e mental necessário para a produção da população é socialmente organizado” (Arruzza, 2015, p. 55).

É fundamental ressaltar que ambas as funções de reprodução (manutenção e reprodução da vida) - que se caracterizam como apoio para o capitalismo fora da esfera da produção -, constituem trabalho não remunerado, explorado e são considerados como ato de amor, natural a corpos, em sua maioria e de forma desproporcional, feminilizados, racializados e que compõem a classe trabalhadora. O trabalho doméstico, nesse sentido, apesar de não produzir valor (de troca), desempenha um papel fundamental no processo de apropriação de mais-valor, tendo em vista a produção e reprodução da força de trabalho explorada.

Nessa lógica, compreende-se que o caráter substantivo da opressão das mulheres na sociedade capitalista ocorre a partir das relações sociais que são determinadas pela própria dinâmica do modo-de-produção capitalista. O trabalho reprodutivo de corpos feminilizados é essencial para o capital uma vez que a produção e reprodução da força de trabalho é medular para o funcionamento e acumulação capitalista e ocorre através de uma ordem social que se

¹⁰ “mostra como a ‘produção de bens e serviços e a produção da vida fazem parte de um processo integrado’, como Meg Luxton coloca. Se a economia formal é o local de produção de bens e serviços, as pessoas que produzem tais coisas são, elas mesmas, produzidas fora do âmbito da economia formal a um custo bem baixo para o capital” (BHATTACHARYA, 2019, p. 103). Assim, a TRS / Teoria Unitária busca contribuir para expor as relações sociais generificadas e racializadas inerentes à sociabilidade capitalista, de modo a articular os diferentes conflitos e opressões a uma lógica integrativa e identificar como o modo-de-produção capitalista se utiliza/beneficia dessas dimensões, incorporando-as à própria dinâmica de acumulação do capital.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

estabelece pela condição/diferença biológica e que constitui “pré-condição material para a construção social das diferenças de gênero” (Vogel, 2022, p. 331). Entretanto,

Não é biologia per se que dita a opressão às mulheres, mas, em vez disso, a dependência do capital dos processos biológicos específicos das mulheres – gravidez, parto, lactação – para garantir a reprodução da classe trabalhadora (Ferguson e McNally, 2022, p. 75).

Assim, para manutenção do capitalismo, há uma dependência do processo biológico específico desses corpos (gravidez, parto e lactação) a fim de garantir a produção e reprodução da atual e da próxima geração da força de trabalho, de forma que esteja disponível para a exploração. Para consolidá-lo, o capital e seu Estado implantaram mecanismos de controle de corpos e subjetividades através de pressões sociais para que a forma-família e a unidade-doméstica sejam compatíveis com o funcionamento que favoreça o capital, bem como a sua permanência/plasticidade e a preservação/adaptação de normas de gênero que conformam essas relações (Ferguson e McNally, 2022).

Os dispositivos ideológicos, assim, agem no sentido de conservação dos modos de vida úteis ao capitalismo, por intermédio da reprodução de ideias, valores e representações - social, político, cultural e ideológica - implicando um aperfeiçoamento disciplinar (atitudes, aptidão, habilidades, competências e qualificações), que nesta sociabilidade, sustentam e afirmam a perpetuação do modo-de-produção capitalista, tanto no âmbito societal quanto nas relações singulares, de forma que se tornam naturais as/es/os sujeitas/es/os, entranhando em suas subjetividades e produzindo uma forma de ser, viver e uma consciência alienada.

Destarte, a categoria reprodução social pode elucidar como a ideologia da burguesia se produz/reproduz na realidade social, tendo em vista os mecanismos que favorecem a sua disseminação: o modo restrito e superficial como a realidade se manifesta ocultando a essencialidade da realidade social e assim dificultando a sua apreensão concreta; e transmissão dessa ideologia através da reprodução social, assimilando ideias, valores e representações que pode “produzir” sujeitas/es/os funcionais ao capitalismo, condicionados por um consentimento social de que esta forma de sociabilidade é necessária, natural e perene.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Relações Sociais de Exploração e Opressão

Como mencionado anteriormente, as relações sociais que se estabelecem entre as/es/os sujeitas/es/os são mediadas pelo trabalho, e portanto, dispõe de uma base material a fim de garantir a reprodução da vida e da sociedade.

No capitalismo, essas relações se constituem através da articulação dialética entre o capital e o trabalho assalariado, onde a burguesia, a qual detém os meios de produção, se apropria do excedente do trabalho produzido pelas classes subalternas (mais valor), fundamento da exploração da classe trabalhadora. Ou seja, as relações sociais que ocorrem no modo-de-produção capitalista sempre tiveram/têm/terão um caráter antagônico e de exploração entre as classes constituintes fundamentais: a burguesia e a classe trabalhadora.

Já as relações sociais de opressão se organizam na forma como a produção das ideias, da consciência e das representações ocorrem na realidade social. Assim, visto que a estrutura econômica da sociedade que determina a superestrutura¹¹, o aspecto substantivo das relações de opressão se realiza também pela base material.

Nesse sentido, utilizou-se a Teoria Unitária para alicerçar essa reflexão uma vez que busca contribuir para expor as relações sociais generificadas e racializadas inerentes à sociabilidade capitalista, de modo a articular os diferentes conflitos e opressões a uma lógica integrativa e identificar como o modo-de-produção capitalista se utiliza/beneficia dessas dimensões, incorporando-as à própria dinâmica de acumulação do capital.

Ou seja,

a proposta de construção de uma teoria unitária é uma tentativa de compreender as relações de produção e de dominação como um mesmo fenômeno, a relação entre dois ou mais momentos da totalidade que aparecem de formas distintas, formando um todo complexo e contraditório (Fonseca, 2019, p. 34).

Assim, as categorias de gênero, raça/etnia, classe social, sexualidade, entre outras, não são sistemas autônomos ou independentes com lógicas próprias que se articulam e se integram à totalidade social, mas são dimensões que a compreendem e se relacionam mutuamente.

¹¹ Veja-se Marx e Engels, 2009.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Assim, para desvendá-las, é necessário partir do pressuposto de que constituem e são constituídas por um todo orgânico complexo, com nexos que coexistem e se relacionam dialeticamente, permeados por uma historicidade, que ocorrem entre o todo capitalista e suas diferentes dimensões, síntese de uma totalidade social complexa e diversa.

Tendo em vista que o trabalho é a categoria matriz do ser social, cujo resultado, além da produção da realidade concreta, é a produção da vida, o gênero humano é reproduzido bem como a individualidade de cada sujeita/e/o que o compõe. Cada sujeita/e/o é diversa/e/o e possui diferentes gêneros, raças/etnias, orientações sexuais, classes sociais, entre outros aspectos inerentes à diversidade humana, sendo, também, distintas as condições de vivências efetivas.

A individualidade é constituída na mediação entre ser singular e ser genérico, a partir das condições concretas - sínteses de múltiplas determinações - que estão inscritas em dada sociabilidade e formação sócio-histórica. Isso faz com que a diversidade seja socialmente significada e valorada, ao ponto que na sociedade capitalista haja a supremacia das características que acompanham o homem branco, ocidental, proprietário e cisheterossexual, devido aos processos sócio-históricos complexos em desenvolvimento desde a acumulação primitiva e a colonização moderna (Oliveira, 2021, p. 25 e 26).

Sendo, assim, o gênero humano uma unidade do diverso (Marx apud Netto, 2012), e o trabalho uma “experiência concreta, corporificada” (Ferguson, 2017, p. 27), os corpos que constituem a força de trabalho compreendem gênero, raça, classe, sexualidade, etc, possibilitando que ela seja valorizada também de maneira distinta no capitalismo, submetida à lógica do valor, gerando relações de opressão que se configuram conforme os processos sócio históricos que designam e são designados pelo sociometabolismo do capital.

Essas relações de opressão - que subordinam “grupos sociais” distintos, em determinados processos sócio-históricos, atribuindo desvantagens em relação a outros “grupos” e valorando-os - também compõem a totalidade social capitalista, concomitante com as relações de exploração, as quais organizam os processos de produção e de consumo/troca quanto da reprodução social da força de trabalho. É na conexão entre essas relações que, dialeticamente, se potencializam e renovam a exploração e dominação capitalista, tanto no âmbito da infraestrutura quanto da superestrutura.

Nesta lógica, as relações de exploração e de opressão assumem diferentes formas em

diferentes corpos, moldando subjetividades e experiências individuais e/ou coletivas tendo em vista a multidimensionalidade da vida social.

Uma dessas expressões se refere ao reconhecimento e acesso aos direitos de uma maneira geral e à cidadania. Os diferentes corpos que compõem as classes subalternas possuem diferentes níveis de acesso aos meios de produção e reprodução de sua força de trabalho, tal como políticas públicas sociais e ao trabalho remunerado, e também obtém diferentes respostas do Estado capitalista, como “diferentes formas de punição e disciplinamento” (Fonseca, 2022, p. 276), podendo viabilizar ou limitar a própria reprodução social e de suas respectivas famílias.

Assim, no estrato da aparência, essas relações se manifestam de maneira fragmentada, sendo necessário, acessando a sua essência e analisando-a conforme o processo sócio histórico, ressaltar o ponto convergente e de luta comum da classe trabalhadora, “uma unidade que depende do respeito às formas particulares e do atendimento às necessidades das múltiplas identidades no sentido de se concretizar de fato como unidade na diversidade” (Fonseca, 2022, p. 278), expandindo, assim, a concepção de luta de classes e transcendendo a classe trabalhadora em seu caráter revolucionário.

Cabe destacar, ainda, que o espaço da reprodução social não é restrito ao ambiente doméstico - apesar de que a família é um suporte fundamental para o sistema capitalista - e compreende espaços mercantilizados - como a venda de serviços -, comunidades, organizações da sociedade civil (OSCs) e instituições públicas, no âmbito das políticas sociais - educação, saúde, assistência social, entre outras - apesar de seu caráter contraditório¹² dentro do capitalismo.

¹² Política social pode ser compreendida como uma política pública, gerida pelo Estado, produzida e reproduzida socialmente e orientada para o atendimento de necessidades sociais. É lócus de contradição e disputa de interesses e, conforme a conjuntura e a correlação de forças entre as classes sociais, pode ser utilizada para manutenção, fortalecimento e ampliação do modo-de-produção capitalista, satisfazendo as necessidades do capital; ou “produz[ir] acesso a direitos conquistados, essenciais para a reprodução física e social da classe trabalhadora” (Behring, 2021, p. 136). Desse modo, “a condição/possibilidade de implementar políticas sociais relaciona-se aos movimentos da taxa de lucros e de extração/realização/apropriação da mais-valia socialmente produzida, à relação capital/trabalho, em sentido político e econômico, e que estão na origem dos grandes ciclos econômicos de estagnação e expansão do capitalismo” (Behring e Boschetti, 2009, p. 44). A política social, portanto, “é uma conquista civilizatória (...), [mas] não é via de solução da desigualdade que é intrínseca a este mundo, que é baseado na exploração do capital sobre o trabalho, no fetichismo da mercadoria, na escassez e na miséria em meio à abundância” (Behring e Boschetti, 2009, p. 46), ainda mais num contexto, ultraneoliberal e neofascista.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Em conjuntura ultraneoliberal e de crise sistêmico-estrutural do capital, a reprodução social também sofre implicações, como o “reordenamento desses serviços públicos para a esfera do mercado, incrementando o trabalho reprodutivo das famílias na manutenção da força de trabalho” (Oliveira, 2021, p. 58), ocorrendo assim, uma maior desresponsabilização do Estado e/ou a viabilização da reprodução social por meio de políticas públicas sociais precarizadas, promovendo a sua mercadorização ou sobrecarregando as famílias, sobretudo as mulheres.

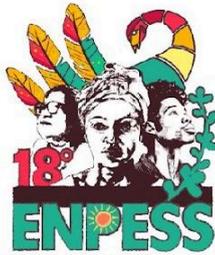
Breves Considerações Finais

Os modos de experienciar a vida em sociedade, tem como característica inerente as relações sociais atravessadas por exploração e opressão, evidenciando as desigualdades sociais, preconceitos e valores conformados à ideologia da classe dominante. Essas relações se incidem de maneiras diferentes em diferentes corpos, resultando em vantagens e desvantagens valorativas, subordinando esses grupos sociais a outros e moldando subjetividades e experiências singulares e coletivas.

Em conjuntura de crise sistêmico-estrutural do capital, ultraneoliberal e neofascista, essas relações se agudizam ainda mais e as tornam mais graves e pungentes. Com isso, diferentes formas de vida, corpos, gênero, raça, classe e sexualidade que não se adequam ao *status quo*, tem seus acessos a bens, serviços e direitos restringidos, dificultando a reprodução social (geração e manutenção da vida humana) dos corpos que compõem as classes subalternas, e ficam expostos a violência, tanto institucional/estrutural quanto à de outras/es/os sujeitas/es/os.

Tendo em vista o Estado burguês, com o desmonte das políticas públicas sociais, cada vez mais precarizadas, seletivas e focalizadas, principalmente contra a pobreza, traz-se à tona mecanismos de controle e disciplinarização da população usuária, criminalização da questão social, bem como desresponsabilização do Estado, sobrecarregando cada vez mais as famílias, num ciclo vicioso sem fim.

Nesse sentido, tais reflexões sobre as determinações sociais não podem ser omitidas ou excluídas da práxis profissional do Serviço Social, pois elas balizam estratégias de ações frente às expressões da questão social e à sociabilidade burguesa e podem contribuir com a construção/elaboração de processos de consciência mais críticos das/es/os sujeitas/es/os através de socialização de informações, acesso a direitos, reflexões sobre a sociabilidade capitalista e desvelamento do conflito entre produção e reprodução da desigualdade social e de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

resistência e rebeldia. É contribuir para a construção de novos modos de existência e de consciência frente à realidade social de maneira mais crítica, numa perspectiva emancipatória. É construir respostas às demandas e necessidades sociais das/es/os sujeitas/es/os a fim de fortalecimento do processo de luta e estimular a participação social em movimentos das classes subalternas que objetivam uma transformação revolucionária.

Referências Bibliográficas

ARRUZZA, Cinzia. **Considerações sobre Gênero: reabrindo o debate sobre o patriarcado e/ou capitalismo.** Revista Outubro, n. 23, 1º semestre de 2015.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história.** São Paulo: Cortez Editora, 2009.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Fundo Público, Valor e Política Social.** São Paulo: Cortez Editora, 2021.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a Teoria da Reprodução Social?** Revista Outubro, n. 32, 1º semestre de 2019.

FERGUSON, Susan. **Feminismos interseccional e da Reprodução Social: rumo a uma ontologia integrativa.** Cadernos Cemarx, n. 10, 2017.

FERGUSON, Susan; MCNALLY, David. **Capital, Força de Trabalho e Relações de Gênero.** Marxismo e a Opressão às Mulheres: rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

FONSECA, Rhaysa Sampaio Ruas da. **Unidade, Diversidade, Totalidade: a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes.** 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche.** São Paulo: Cortez



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Editora, 2015.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política (livro I)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NETTO, José Paulo. **O Leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

OLIVEIRA, Rayane Noronha. **Serviço Social, Classe, Gênero e Raça: tendências teórico metodológicas e as possíveis contribuições da Teoria Unitária**. 2021. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.